O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 3 | Nº 8 | Boa Vista | 2020

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

http://doi.org/10.5281/zenodo.3940709

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.revista.ufrr.br/boca

ONDE ESTAMOS? CONSIDERAÇÕES SOBRE A MODERNIDADE, NEGACIONISMO, CIÊNCIA E A COVID-19

Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa[1]

Resumo

Esse artigo pretende tecer considerações filosóficas, a fim de fazer um diálogo com as ciências humanas e o direito em épocas da chamada pós-modernidade, um ponto onde os discursos exaltados cada vez acreditam menos na ciência, e as pessoas se baseiam em opiniões sem fundamento Sobretudo quando vemos que boa parte desse discurso anticientífico é crescente em focos de poder que utilizem o fundamentalismo religioso, sobretudo o cristão protestante para fazer um discurso anticiência. Visa apontar certa situação para explicar filosoficamente algo que estamos vivendo.

Palavras chave: COVID-19; Educação; Filosofia; Negacionismo; Revisionismo.

Abstract

This article intends to make philosophical considerations, in order to make a dialogue with the human sciences and the law in times of the so-called post-modernity, a point where the exalted speeches increasingly believe less in science, and people are based on opinions unsubstantiated Especially when we see that a good part of this anti-scientific discourse is growing in pockets of power that use religious fundamentalism, especially the Protestant Christian to make an anti-science discourse. It aims to point out certain situations to explain philosophically something we are experiencing.

Keywords: COVID-19; Denialism; Education; Philosophy; Revisionism.

INTRODUÇÃO

A percepção da realidade na nova sociedade da cybercultura e nas simples conversas de rua prova uma coisa: Bruno Latour, filósofo e antropólogo francês estava certo: jamais fomos modernos. Isso porque o conceito de modernidade implica em tese a confiança na ciência em seus peritos. No entanto é crescente o número de pessoas que, apesar do alto número de informação não acredita nas informações científicas. Uma rasa volta nos produtos da cybercultura, as redes sociais, vê-se o questionamento sobre doenças, teorias conspiratórias sem nenhum fundamento e alto número de descrença da ciência.

Sobretudo quando vemos que boa parte desse discurso anticientífico é crescente em focos de poder que utilizem o fundamentalismo religioso, sobretudo o cristão protestante para fazer um discurso anticiência.

[1] Sociólogo e advogado, mestre em Filosofia e doutorando em Educação, Arte e História da Cultura. Professor e coordenador do curso de Direito da Faculdade Orígenes Lessa (FACOL). Bolsista PROSUP/Mackenzie. Email para contato: joebarduzzi@yahoo.com.br

Em termos de uma crise global de saúde como a COVID-19 (SENHORAS, 2020; LUIGI; SENHORAS, 2020), tais discursos, que estão ligados ao mercado e sua força, são extremamente perigosos.

Há certas relações entre a modernidade e o fundamentalismo religioso. Em primeiro lugar não é fácil definir o que é modernidade, mesmo porque se vive nesse momento histórico. Fica muito mais fácil analisar a antiguidade porque vive-se fora dela, o mesmo para a Idade Média, mas e muito difícil analisar o momento histórico no qual se vive. Esta metodologia de descrição e análise da experiência implica um ideal positivista da neutralidade e do distanciamento "científico" do observador relativamente ao objeto para investigar a verdade "pura".

Mas tal paradigma é uma suposição falha, há uma suposta neutralidade do discurso científico e sobre a suposta necessidade de distanciamento do pesquisador em relação ao seu objeto de pesquisa. Todo discurso (as pesquisas, descobertas científicas se traduzem em discursos também) é produzido por uma pessoa, que é o sujeito desse discurso, e traz as marcas desse sujeito, que vive num determinado tempo e espaço.

O próprio projeto e conhecimento racionalista era uma opinião de pessoas (cientistas), que simplesmente acharam que assim estaria atrás de uma verdade pura. O projeto de conhecimento do positivismo era propor a ciência como único aspecto verdadeiro de dizer o que é ou não verdade (MORIN, 1983). Isso é chamado de dimensão ética da ciência construída e europeizada.

A MODERNIDADE NA HISTÓRIA, NA RAZÃO E NA RELIGIÃO

Não é fácil localizar a modernidade na história, vários autores divergem, alguns dizem que começou com a invenção dos estados- nação, outros com queda da bastilha, outros dizem que foi com a invenção da máquina a vapor de James Watt, mas a maioria das escolas históricas está de acordo que começo com as grandes navegações e a queda de Constantinopla (REIS, 2006). Modernidade é a denominação de um conjunto de fenômenos sociais e é também o resultado de uma série de eventos marcantes no mundo ocidental ocorridos nos últimos quinhentos anos, aproximadamente.

Mais do que uma focalização e um ponto fixo na história a modernidade é uma condição humana, é uma crença na certeza do cientificismo e da racionalidade, na qual as relações sociais são mudadas. Seu termo seguido: pós-modernidade não é algo dividido dela, é apenas a maximização do individualismo, enquanto na modernidade o seu ápice ideológico, a focalização dos supostos direitos foram direitos políticos, hoje o foco é o indivíduo , mas considero isso apenas uma consequência da modernidade e não um período disjuntivo dela. Talvez a melhor definição de pós-moderno seja a de

Lyotard. O pós-moderno, como Lyotard (1984, p. 28) o definiu, é "a incredulidade para com as metanarrativas", inclusive é uma crítica às representações religiosas. E uma maximização do projeto moderno de independência de Deus (idem) ao home que fica individualizado na história e, portanto, egoísta.

A modernidade trouxe uma nova consciência do sentido histórico, uma nova representação da temporalidade histórica e, com ela, o mundo se fragmentou em valores distintos. O espírito capitalista é moderno, desencantado, secularizado, racional. A modernidade é o desenvolvimento do processo de progresso, revolução, utopia; a ideia de história está dominada pelos conceitos de razão, consciência, sujeito, verdade e universal.

Como bem assinala o bioquímico francês Jaques Monod (1971), tanto na ação quanto no discurso, o conhecimento racional está "necessariamente" associado a uma escala de valores, escala essa que vai determinar, em última análise, a definição do que é propriamente "verdadeiro" no campo do conhecimento. Mas, como também ressalta Monod, a ciência fundada no postulado da verdade objetiva trata verdade e valor como elementos antagônicos, próprios de domínios que se excluem. Nesse sentido é que se pode dizer, quanto mais próximo está o pesquisador do chamado "núcleo duro" da ciência, mais estará lidando com a chamada "pesquisa pura", e mais tenderá "a relegar a um segundo plano qualquer discussão a respeito das consequências éticas de suas elucubrações teóricas ou mesmo negar sumariamente que elas existam" (MODOD, 1971, p. 81). Assim as éticas, práticas e crenças religiosas são deixadas de lado.

Desde o advento e aceitação geral do Positivismo lógico, cujo objetivo era tornar toda forma de conhecimento científico, ou melhor, a busca por uma nova verdade pura, surgiu um ideário de que o cientista não deveria se envolver com seu objeto de pesquisa, ou seja, deveria estar distante do seu objeto de pesquisa para se poder analisá-lo com neutralidade.

Antes da modernidade, ainda que com sérios problemas sobre liberdade, Deus era a referência do ser humano. A Religião era um guia de mundo, uma visão pela qual o homem se pautava, mas agora o homem caminha só, sem um guia, uma referência de mundo que não seja ele mesmo. O principal orientador que é Deus, o próprio homem dispensou.

Ainda é bom lembrar que Hinkelammert (2008) faz referência ao mito de Prometeu[2], segundo o autor esse mito é um dos grandes mitos da modernidade, formula o espaço mítico da modernidade e

[2] Basicamente o mito diz que homens e mulheres eram seres primitivos, vivendo da caça e coleta. Desconheciam o fogo, por isso comiam a comida crua, e embrulhavam-se em peles espessas para se defenderem do frio do Inverno. Não sabiam trabalhar os metais para fazerem ferramentas ou armas duradoiras. Zeus preferia que eles continuassem assim, porque de outra forma receava que alguns viessem um dia a querer roubar-lhe o poder. Mas o sábio Prometeu amava a Humanidade e sabia que com a sua ajuda os homens podiam progredir, saindo do seu estado primitivo. Prometeu foi em segredo ao Olimpo e roubou o fogo dos Deuses entregando aos humanos. Com a ajuda de Prometeu, o homem desenvolveu-se rapidamente. Ficando assim independente dos deuses. Zeus estava furioso e mandou levar Prometeu para uma das montanhas de leste e acorrentá-lo a uma rocha. Uma águia feroz ia todos os dias comer-lhe o fígado, e todas as manhãs o fígado tornava a crescer, de forma que a tortura recomeçava. Passaram-se muitos anos antes de Prometeu ser liberto - dizem que trinta mil – até que o valente Hércules que o libertou (BINI, 2007).

aparece nos pensamentos críticos sobre a mesma. Marx relaciona o mito de prometeu a uma libertação do proletariado, do homem que trabalha. O mito de qualquer maneira é visto como uma emancipação e rebeldia do homem frente aos deuses. A consequência dessa rebeldia causa a: a autoconsciência humana, entendida como *a consciência de ser consciente,* está por sua causa outra consequência, agora é o humano sua própria divindade suprema. Antes de Marx, Hegel (2007) já falava de uma autoconsciência humana, o ser humano despertou em seu espírito, não precisando mais das divindades, mas sujeitando-as a razão humana. O que se entende que a razão, produto e característica do humano diminuiu Deus, cuja característica deveria ser a incompreensibilidade está desde Hegel sujeita a razão humana.

O mito prometeiano tem um fundo de verdade, o triunfo da técnica (por sinal produto da razão), na qual tecnologicamente e cientificamente, a modernidade fez o homem tornar-se providência para si mesmo, e hoje, para acabar com a fome, as doenças, as inundações, as epidemias, agora não recorre a Deus, ou deuses, como faziam seus antepassados, mas sim à medicina, à engenharia, à indústria, etc. A modernidade proporcionada pela tecnologia, que mitologicamente atribuída a Prometeu é ao mesmo tempo em que é um período histórico indefinido, é uma crença na certeza do cientificismo e da racionalidade, na qual as relações sociais são mudadas.

O ponto alto da modernidade é perceptível com a confirmação de Marx de que não existe Deus e o homem se torna sua divindade suprema. Vale apontar que, no livro "idolatria do mercado", escrito por Hinkelammert com Hugo Assmann (1989) denunciam o resultado do mercado é *hispóstases*, ou seja, sua suprema personalização-atribuição como agente autônomo. A esse agente é aplicado fé em sua total confiança (GIDDENS, 2002, p.127) de modo a pensar que nada vai dar errado. Com tal fé no mercado, os homens poderiam atribuem a ele uma confiança ilimitada, ou seja, uma divindade que pode resolver todos os problemas humanos. Deus se faz homem, na cultura cristã nossa leitura aponta para um conflito entre o deus libertador que se fez homem por querer uma aproximação de sua criação. Já o homem que se fez Prometeu para se afastar de Deus, entendendo que isso iria se auto-libertar. A própria configuração da religião cristã ocidental se tornou algo digno de ser combatido e uma prisão do qual o homem deve escapar. Essa opinião é apontada observada por Las Casas (FREITAS NETO, 2003) quando o autor reflete sobre a dominação espanhola e portuguesa sobre as Américas e o sangue que isso trouxe. Ocorre que o homem deveria ter se libertado da religião não de Deus porem ao libertar-se na modernidade da religião rompeu-se com Deus e ao que parece é o homem se faz Deus agora.

Essa visão de que Deus tornava o homem preso é errônea, o que na verdade o homem queria se libertar é do próprio homem, é da religião humana de mortais que queriam se auto-proclamar porta voz da divindade. Com isso distorceram segundo seus interesses a mensagem divina, se confunde a

mensagem de Deus com os de muitos corruptos mediadores (PONDÉ, 2001), e assim o ser humano na verdade quer se libertar de outros homens, acaba se separando de Deus. Com isso se torna um ser humano ridículo (idem), vazio de origem, sozinho no universo sem algo que explique sua origem e seu papel no universo. Não aceita uma consciência externa superior e externa ao próprio humano. Deus é reduzido a religião como manifestação social esvaziando de significado a divindade. O professor Diego Klautau analisando diz:

> A redução do fenômeno do religioso em suas formas psicológicas ou sociais é a base da crítica religiosa ao pensamento moderno. Assim, ao aprofundar a epistemologia das mediações, Pondé entende que a crítica religiosa pode se valer dessas mediações para atingir o projeto falido da contingência do homem auto-sustentável, seja essa sustentação de um projeto ético-político, seja na falência, ou insuficiência, de atingir a felicidade. A liberdade pós-adâmica se traduz numa nova expulsão do Paraíso. Sem Deus, não há alívio, não há trégua no tormento humano, que em si mesmo é vazio (KLAUTAU, 2009, p. 136).

Assim a religião é reduzida a compreensão social, econômica, científica, reduzida a ciência, só esse entendimento cientifico é aceito segundo as Ciências do Homem, Antropologia, Sociologia, História e afins, na verdade um pensamento humano que sempre reduz a uma única compreensão cientifica desprezando outras formas de conhecimento. Comete-se assim o reducionismo cientifico do pensamento divino. Perde-se o significado da transcendência nesse reducionismo (LEPARGNEUR, 2004, p. 98), a ciência é um produto da modernidade. E a Modernidade ao mesmo tempo que é um período histórico (indefinido), é uma crença na certeza do cientificismo e da racionalidade, na qual as relações sociais são mudadas, há uma limitação das formas de conhecimento de que só a ciência formal é válida.

O PÓS-MODERNO

A visão de mundo no moderno e em sua crise - o pós moderno - foi a certeza de que o mundo devia ser visto através de uma lente racionalizada e cientificista, na qual Deus ou a teologia não teriam lugar, ocorre que essa visão falhou fragorosamente em termos sentimentais porem teve o sucesso em conquistar o mundo.

Em primeiro lugar falhou em sua própria certeza, as ideias Popperianas, a crise de paradigma de Khun, o fim das certezas de Prigogyne, bem como de outros cientistas como Feyerabend, Richard Rorty, Maturana e Morin, demonstraram que o racionalismo poderia ser questionado e que haveria nova possibilidades de um nova consciência ser descoberta. Ora o mundo na modernidade só pode ser valido

pelo aquilo que poderia ser dado em um gráfico matemático através do que Morin (2006) chama de paradigma newtoniano-Baconiano-Cartesiano ou grande paradigma do ocidente.

O Dr. Vitor Westhelle analisando essa questão diz: “Além disso algo que o mundo moderno proporcionou são as múltiplas "leituras da vida" através de fórmulas matemáticas e físicas. As coisas se tornam uniformes, “com figuras diagramas, lista e texto”..(WESTHELLE, 1995, p. 263), observa ainda a pergunta de Latour (*apud* WESTHELLE, 1995, p. 267): “Que sociedade é esta onde uma formula matemática tem mais credibilidade do que qualquer outra coisa: o senso comum, outros sentidos além da visão, uma autoridade política ou mesmo as escrituras?”. A ciência se torna uma forma hegemônica de conhecimento é o que é valido, e conhecimento se torna poder econômico, economia se torna números e gráficos. Assim, nesse mundo moderno coisas abstratas são consideradas menos importantes como Deus, Amor, arte etc...Assim a ciência, um conhecimento humano, de modo pedante, se coloca como única verdade disponível no universo rompendo com a religião e erroneamente com Deus causando uma crise no modo de conhecer o mundo sem precedentes.

Tecnologicamente e cientificamente, a modernidade fez o homem tornar-se providência para si mesmo, e hoje, para acabar com a fome, as doenças, as inundações, as epidemias, agora não recorre a Deus, como faziam seus antepassados, mas sim à medicina, à engenharia, à indústria, etc. (MONDIN, 1980). Modernidade ao mesmo tempo em que é um período histórico indefinido, é uma crença na certeza do cientificismo e da racionalidade, na qual as relações sociais são mudadas.

Ter relações pautadas pela racionalidade (hegemônica no ocidente) não era uma oferta tão ruim frente a uma ideia da idade média, de um absolutismo rigoroso e de uma crueldade cristã que invadia e destruía reinos considerados bárbaros nas cruzadas ou queimava mulheres por pensarem diferentes acusando-a de Bruxas (PEDRERO-SÁNCHES, 2000). Porem o projeto da modernidade se mostrou tão senão mais cruel do que a idade média. Temos liberdade, porem temos outros problemas tal como: exclusão, desigualdade, fome, dentre outros (MONDIN, 1980). É desta situação vivida que surgem novos problemas para as ciências humanas, com excesso de informação e de abundancia em materiais que, no entanto não trouxeram a plena felicidade e organização social, com a desvalorização da força de trabalho, o excesso de produtividade e miséria, com o terror da exclusão social e dos impactos ambientais; situações que geram insegurança e desconforto. Mas focando-se em um só aspecto da modernidade, existe a crença inevitável de que a ciência é a única verdade.

O FUNDAMENTALISMO E MODERNIDADE

Essa crise gera uma contra reação, uma nova contra-reforma. O surgimento do fundamentalismo. Abordando a questão da indústria cultural ou cultura de massa, tratada por Theodor

Adorno (1971), que diz que a indústria cultural fabrica produtos adaptados ao consumo das massas ao mesmo tempo em que determina esse consumo. O consumidor, para Adorno (1971), torna-se objeto da indústria, que especula sobre o comportamento das pessoas e o determina. Nesse contexto, a arte e a cultura produzidas no estilo da indústria cultural transformam-se em mercadorias, são produzidas em série e tornam-se banalizadas, sempre visando ao lucro (HORKHEIMER, 1951). Nesse contexto a religião só importa se estiver envolvida com o lucro. A oferta de encontro divino, de uma revelação, ou salvação da alma, nesse contexto não serve para nada.

Uma das características fundamentais da modernidade, segundo as críticas de Alain Touraine (2002), é a de que ela se torna produção e consumo de massa, em que o mundo "puro da razão é invadido pelas multidões que colocam os instrumentos da modernidade[3] a serviço do desejo e da mercadoria" (TOURAINE, 2002, p. 63). No campo cultural, um bom exemplo é a televisão que massifica os gostos do indivíduo (BAUDRILLARD, 1979).

Assim valores humanos e suas expressões como o religioso, o sagrado, são deixados de lado. Valores como honra é substituído por compromisso em pagar, valores como propriedade privada são mais defendidos que a vida, dentre outros exemplos.

Nas condições da modernidade, o que é místico, religioso sagrado não só é desprezado como outras coisas vão tomando seu lugar, segundo Giddens (1991) o ritual é reinventado e reformulado. O mesmo ocorre com o sábio ou religioso, substituído pelo especialista, o perito.

Porém, segundo Ozaí Silva (2005) chama atenção analisando a obra de Giddens, a modernidade teve que "inventar" tradições e romper com a "tradição genuína", isto é, aqueles valores radicalmente vinculados ao passado pré-moderno. A modernidade, neste sentido, expressa descontinuidade, a ruptura entre o que se apresenta como o "novo" e o que persiste como herança do "velho".

Balandier (1997 p. 160), define a *modernidade* contemporânea como o espaço do "movimento mais incerteza", incerteza do que? Ele responde, "face a sua indeterminação, para ele a modernidade é a sociedade em indeterminação, a sociedade é lugar de criação permanente do novo, através das suas incompletudes causadas pelo desejo capitalista excessivo e dos seus vazios" (idem 1997 p. 161), os indivíduos circulam numa busca incessante de crescimento econômico patológico que pauta sua relação uns com os outros, assim há sempre a impossibilidade de se apreender a sociedade e os seus fenômenos de maneira determinística, desse modo o ser humano fica privado de valores, inclusive religiosos, sendo estes valores sempre fluidos e movimentários, nunca fixos, algo importante para a religião uma vez que seus escritos sagrados pretendem-se universais e imutáveis, o conhecimento religioso é imutável

[3] No caso a tecnologia, sobretudo a de comunicação.

Giddens (1991) observa que vivemos uma época marcada pela desorientação, pela sensação de que não compreendemos plenamente os eventos sociais e que perdemos o controle. A modernidade transformou as relações sociais e também a percepção dos indivíduos no que se refere a fé.

> A modernidade, pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais (GIDDENS, 2002, p. 38).

A fé, segundo Giddens (1991), passa a ser dada ao perito (não mais a divindade) e, portanto, não mais a religião, que não responde mais nenhum anseio humano. A ciência responde aos anseios do indivíduo. Mas todos esses fatos históricos geram uma crise, pois o projeto moderno falha em sua promessa de dar ao indivíduo e ao povo a prometida, liberdade, igualdade e fraternidade. Não se tem liberdade a não ser para consumir o que a comunicação de massa lhe impõe, não há igualdade e sim concentração de renda, e de fraternidade é um valor perdido junto com as tradições religiosas, nem se fala nela mais, o individualismo é o que pauta as relações.

Porem toda essa crise chamada modernidade, não passou despercebido aos religiosos, em suas crenças ferrenhas, cuja fé repousa sua própria identidade, assim tal crise provocou reações dos religiosos contra a perda dos valores religiosos que se impunham. Estamos em época de efervescência religiosa (CAMPOS, 2002) e a religião reagiu contra essas mudanças trazidas pela modernidade.

Uma dessas reações é o fundamentalismo, esse surgiu bem no auge da crise da modernidade, ou seja, no século XX. O termo fundamentalismo remete a fundamentos, bases teóricas de uma expressão cultural, está correlato à crença na interpretação literal dos livros sagrados (DREHER, 2002). Seus membros promovem a compreensão literal, ou do que entendem ser literal, de sua literatura sagrada. Não aceitam opinião diversa. Fundamentalistas são encontrados entre religiosos diversos e pregam que os dogmas de seus livros sagrados sejam seguidos à risca ou ao menos se autodefinem assim: como seguidores radicais do texto sagrado.

Não deveria ser tão ruim, recuperar valores religiosos tais como amor e respeito ao próximo, solidariedade, honra (valores defendidos pelas religiões monoteístas), mas assim como aconteceu com a modernidade, isso implica em certo desastre. Isso porque apesar de acreditar que se está sendo aplicada uma produção literal está sempre sendo aplicada uma interpretação, e quase sempre de um interesse pessoal ou escuso de uma pessoa ou de um grupo sobre outros. A palavra fundamentalista que se faz referência hoje, segundo Elshahed (1992), e que piorou após 11 de setembro de 2001 face a mídia (MOREIRA, 2007), é um termo pejorativo, porém não era essa a ideia inicial dos fundamentalistas.

A obra de Dreher, bem como a de Armstrong, também sugere (Armstrong sugere, Dreher afirma) que há uma relação profunda entre fundamentalismo religioso e fundamentalismo político. Para os fundamentalistas religiosos a ação política deve ser sempre orientada pela verdade religiosa. A sociedade perfeita é aquela que se submete à sua compreensão de verdade religiosa. A partir desse princípio justificam-se intervenções violentas nos Estados independentes e "guerras santas" contra "hereges", matar em nome de Deus, e outras intervenções violentas.

O termo fundamentalismo surgiu nos Estados Unidos (MOLTMAN,1992), à ideia do socialismo, aliado a perda dos valores trazidas pela modernidade, com ideias proporcionadas pelos novos meios de comunicação, em especial ao rádio[4], trouxeram uma forte reação ao humanismo que imperava no pensamento intelectual mundial. Institutos Bíblicos como o fundado em Chicago em 1886 por Dwight L. Moody, o primeiro a se assumir com protestante fundamentalista (STEWARD, 2003), desenvolvia suas ideias restabelecendo ensinos ortodoxos que haviam sido obscurecidos por escolas humanistas como Harvard, Yale e Princeton. Apregoavam uma volta de Cristo e valores que ofereciam ao indivíduo em crise causada pela modernidade uma resposta para a vida. Além disso apenas alguns anos depois, com a crise de 1929, o fundamentalismo religioso pode crescer exponencialmente uma vez que crise econômica proporciona crescimento da religiosidade sem reflexão (PIERUCCI, 1998).

Conforme os Estados Unidos desenvolviam-se economicamente aliado a uma crise moral pós Primeira Guerra Mundial, um crescente número de pessoas corria para se converterem nas conferências fundamentalistas, pouco depois a crise de 29 mostrou a necessidade moral de se fixar em valores não terrenos. Aí está a origem do fundamentalismo (ao menos o cristão, e do termo) (AMMERMAN, 2005).

Assim a ética moderna de racionalização e crescimento patológico econômico, que subverteu valores do próprio corpo (BALANDIER, 1997) e de dominação eurocêntrica, os valores das tradições (ALMERI; MELO, 2009) e da fé (GIDDENS, 1991). O fundamentalista, sobretudo o americano, não aceitou tal visão, mas pretendeu-pretende mudar as orientações do mundo, visto que surgiu com uma nobre intenção de recuperar supostos bons valores como a família, a honra e moral e os bons costumes (AMMERMAN, 2005).

Porém perverte esses bons costumes se utilizando de violência e terror quando confrontados com ideias opostas (ARMSTRONG, 2001).

Aliás, uma boa definição de fundamentalismo seria aquela que usa de proselitismo militante (VOLF,1992), sem militância não há fundamentalismo, nem toda atitude radical ou violenta seria fundamentalismo. Só há fundamentalismo quando há uma posição militante. Simmel ainda acrescenta a militância com uso de violência (SIMMEL, 2009). Assim a definição de fundamentalismo adotada nesse

[4] Os fundamentalistas geralmente renegam os produtos e ideais da modernidade, mas usam largamente seus produtos quando lhe interessam (VOLF, 1992)

texto é uma junção de dois autores é o proselitismo religioso militante usando de violência física ou moral

O fundamentalismo religioso não vê o dogma no contexto histórico da sua constituição e definição (EISENSTAD, 1997), vê apenas o que entende ser correto. Faz uma interpretação ora literal, ora interesseira do seu escrito, recusando-se radicalmente a admitir interpretações diferentes (idem). O fundamentalismo assim o faz visto sentir sua fé ameaçada e fragilizada pela modernidade.

Coleman (1992, p. 23) diz que os fundamentalistas "procuram viver na modernidade (e influenciar sua orientação), mas sem dela fazer parte". O objetivo do fundamentalista é moldar o mundo segundo sua visão. Não querem algo ateu e capitalista mudando o mundo (embora existam fundamentalistas ateus capitalistas) querem sua visão de sagrado dirigindo o mundo.

CONCLUINDO - O CUIDADO DE SÍ

A espiritualidade deveria romper com a ignorância, mas se torna terreno fértil para a mesma. O sujeito transforma-se na espiritualidade, pois passa a buscar a verdade, no então o caminho que essa espiritualidade leva não é senão a verdade que lhe é dada. O sujeito mobiliza a si mesmo e práticas de si, incomoda e preocupa-se, inquieta-se, assim pressupondo a atividade filosófica por excelência transformando o sujeito. A espiritualidade é, portanto, "a busca, a prática, a experiência pelas quais o sujeito opera sobre si mesmo as transformações necessárias para ter acesso à verdade" (FOUCAULT, 2004, p. 22). A espiritualidade é a transformação do sujeito que busca a verdade. No entanto talvez não tenha acesso a ela.

É por isso que Foucault inicia o seu discurso do cuidado sobre si com uma longa descrição da cultura grega, pois o espirito grego, ou melhor, a espiritualidade grega conduzia a liberdade. Já a espiritualidade contemporânea não conduz a mesma liberdade, pois o poder que constituí o seu espirito é outro e atende a outros interesses. Estes interesses são do poder e não da liberdade do sujeito.

No *ethos* greco-helênico o dialogo era estimulado e livre. A liberdade era o espirito daquela época. Havia participação direta sobre o cidadão (ainda que nem todos fossem considerados cidadãos) em discutir e conduzir sua liberdade e decidir os rumos da liberdade coletiva. Assim afirma Foucault:

> As portas do asilo, os muros da prisão desaparecem, dando lugar a falas livres em que gregos e romanos discutiam as melhores maneiras de conduzir suas vidas (...). A paisagem do confinamento cede lugar à liberdade luminosa do sujeito (FOUCAULT *apud* ESCOBAR, 1984. p. 71)

A filosofia grega pressupunha como atividade da polis e da realidade um esforço moral do sujeito. Foucault confirma que a atividade do cuidado de si, inclusive de busca da sua própria verdade é um ato de reflexão inalienável da formação de ser sujeito. A liberdade pensada é sempre uma liberdade em movimento destinado a um fim, não é um ato final e sim um ato em permanente busca que emerge através do movimento prático para o intelectual e vice-versa. O sujeito só vai ser livre se e somente se exercitar sua crítica sobre si, sobre sua formação, sobre a sua subjetivação imposta pelos poderes ideológicos. Buscar a liberdade e a verdade é um ato agonístico de si para um novo ser. Ao buscar a liberdade há um rompimento ou uma busca com o rompimento com os poderes sócio-políticos-religiosos-econômicos e implica uma escolha de ser. O sujeito que atinge a verdade e sua liberdade é um sujeito sem sujeição, ou seja livre, é mestre de si mesmo e o pode ser de outro.

A espiritualidade, embora seja uma busca da verdade, não necessariamente atinge a verdade-liberdade. Mas não deixa de ser uma busca de verdade. A espiritualidade não atinge a verdade plena vista que não é um ato cognitivo, porem exige que o sujeito se modifique e questione seus valores. A espiritualidade é um cuidar de si, um cuidado sobre seu espirito.

Porém o cuidar de si implica em romper com o sofrimento. O fim do sofrimento implica em conhecer os seus problemas e, portanto, parte de si. Enquanto não houver um conhecimento de si há sofrimento. A espiritualidade implica a oferta de um conhecimento, nem sempre de si. Porém implica em questionar o seu eu antigo, portanto, em autodestruição de si ou parte de si no corpus ideológico cognitivo. Então a espiritualidade é uma condição (embora não necessária, e não única, há outros caminhos) ou melhor uma possibilidade de autoquestionamento e de mudança. Ai sim um caminho necessário para a verdade de si e liberdade. Autoquestionar e autoconhecer são caminhos fundamentais na busca para a verdade.

> A espiritualidade postula que a verdade jamais é dada de pleno direito ao sujeito. A espiritualidade postula que o sujeito enquanto tal não tem direito, não possui capacidade de ter acesso à verdade. Postula que a verdade jamais é dada ao sujeito por um simples ato de conhecimento. [...] Postula a necessidade de que o sujeito se modifique, se transforme, se desloque, torne-se em certa medida e até certo ponto, outro que não ele mesmo, para ter direito ao acesso à verdade. A verdade só é dada ao sujeito a um preço que põe em jogo o ser mesmo do sujeito. Pois, tal como ele é, não é capaz de verdade. [...] deste ponto de vista não pode haver verdade sem conversão ou sem uma transformação do sujeito. [...] Para a espiritualidade, a verdade [...] é o que ilumina o sujeito; a verdade é o que lhe dá beatitude; a verdade é o que lhe dá tranquilidade de alma. Em suma, na verdade e no acesso à verdade, há alguma coisa que completa o próprio sujeito, que Entre filosofia e espiritualidade completa o ser mesmo do sujeito e que o transfigura. Resumindo, acho que podemos dizer o seguinte: para a espiritualidade, um ato de conhecimento, em si mesmo, jamais conseguiria dar acesso à verdade se não fosse preparado, acompanhado, duplicado, consumado por certa transformação do sujeito, não do indivíduo, mas do próprio sujeito no seu ser de sujeito (FOUCAULT, 2006, p. 19-21).

A liberdade para Foucault implica em conhecimento da verdade de si e da situação ao entorno. Portanto significa um conhecimento da verdade, porém esta não pode ser dada imediatamente, é antes uma busca. Uma busca de libertar dos poderes impostos.

Se liberar dos poderes que trazem dominação é liberdade que só pode ser dado através da subjetividade racional. Os sujeitos em formação não fogem a essa regra, apesar de certos poderes tentarem imprimir uma identidade única ao grupo, na modernidade, a subjetividade sempre vai surgir. A subjetividade pode ser entendida como a capacidade de síntese que o ser humano faz com o seu meio. Neste contexto, Santos (1997) diz que no capitalismo globalizado o primeiro nome da identidade é a subjetividade. Muito mais que a disputa política de poder, a subjetividade é responsável pela capacidade do ser humano de assumir novas configurações.

Assim vemos um mundo onde a falha da modernidade e da ciência permite ser atacada por um fundamentalismo religioso. Isso Poe certos riscos quando aliado ao poder político nos últimos tempos como a eleição de Trump, Bolsonaro e popularização da extrema direita que acredita na fácil fé das pessoas religiosas e as usa para suas finalidades de mercado e poder.

Nessa crise a falha da modernidade em alcançar suas benesses de ciências para todos, medicina democrática, e sobretudo educação crítica e diálogo, fornece ao fundamentalista a possibilidade de questionar a ciência e colocar em risco as recomendações de saúde. Assim sendo usados tais discursos pelo poder, numa ótica foucaltiana, os discursos religiosos visam de certo modo questionar a ciência no contexto de diminuir a ciência em seus avisos de isolamento, já que Deus pode tudo curar, questiona o isolamento pois a ideia de congregação é fundamental para a manutenção de seus interesses, e se alia fácil ao discursos de mercado, uma vez que a demonização das propostas anticapitalismo (comunismo e anarquismo) não atendem aos interesses destes e portanto se aliam em discurso anti-isolamento social promovendo ideais que aumentam o perigo da COVID-19.

A educação sofre com isso, cada vez mais há discursos terraplanistas, antivacina, anti-evolução, de repressão de assuntos sexuais, que combate a forma do professor dar aula, sobretudo no fundamentalismo religioso (em certa pesquisa cientifica entrevistei uma professora de artes, que deu mascaras africanas como atividade e alunos pentecostais, junto de seus pais se reusavam fazer "mascaras demoníacas associando a cultura africana com o mal).assim cabe também a retomada da educação para não se deixar ceder por tais discursos, educando cada vez mais para as artes, as ciências e humanidades e sobretudo para a cidadania.

REFERÊNCIAS

BINI, E. **A Sabedoria da Mitologia**. São Paulo: Editora Edipro, 2007.

DREHER, M. N. **Para entender o fundamentalismo**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2002.

ESCOBAR, C. H. (org.). **Michel Foucault**: O dossier – últimas entrevistas. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.

EISENSTAD S. N. **Fundamentalismo e Modernidade**. São Paulo: Editora Celta. 1997.

FOUCAULT, M. "Des espaces autres". *In*: **Dits e Écrits**, tome 2: 1976-1988. Paris:

FOUCAULT, M. "O cuidado com a verdade". *In*: FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006

FREITAS NETO, J. A. **Bartolomé de las Casas**: a narrativa trágica, o amor cristão e a caridade. São Paulo: Annablume, 2003.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HEGEL, G. W. F. **Werke in zwanzig Bänden**: Theorie-Werkausgabe. Frankfurt amMain: Shrkamp, 1970.

HINKELAMMERT, F. J. **Hacia una crítica de la razón mítica**: el labirinto de la modernidade. México: Editorial Driada, 2008.

KLAUTAU, D. "O conceito de Humanismo Ridículo proposto por Luiz Felipe Pondé. Crítica à Modernidade: Entre Dostoiévisk e Pio Ix, Sacrilegens" **Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião –** UFJF, *v*ol. 4, n. 1, 2007.

LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.

LEPARGNEUR, H. "Reducionismo Científico e Abertura à Transcendência". **Síntese - Revista de Filosofia**, vol. 31 n. 99, 2004.

LUIGI, R.; SENHORAS, E. M. "O novo coronavírus e a importância das organizações internacionais". **Nexo Jornal** [17/03/2020]. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br>. Acesso em: 11/07/2020.

LYOTARD, J. F. **The Postmodem Condition**: A Report on Knowledge. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.

MOLTMAN, J. "Fundamentalismo e modernidade". **Concilium**, vol. 241, n. 3, 1992.

MONDIN, B. **O homem, quem é ele?** Elementos de antropologia Filosófica. São Paulo: Paulus, 1980.

MONOD, J. **Chance and Necessity**. An Essay on the Natural Philosophy of Modern Biology. New York: Alfred A. Knopf, 1971

MOREIRA, D. J. "Mídia, fundamentalismo e terror: A lógica da barbárie". **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 4, n. 1, 2007.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MORIN, E. **O Problema epistemológico de Complexidade**. Lisboa: Europa-América, 1983.

PIERUCCI, F. "Secularização em Max Weber. Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 37, 1998.

PONDÉ, L. F. "Epistemologia Agônica e Disfuncionalidade Humana: um ensaio de teologia pessimista". **REVER – Revista de Estudos de Religião**, n. 2, 2001.

REIS, J. C. **História e Teoria**. Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

RORTY, R. **Consequences of pragmatism**. Minneapolis: University of Minnesota. Press, 1982

RORTY, R. **Contingency, Irony and Solidarity**. Cambridge, Cambridge University Press, 1989.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único a consciência universal. Rio de Janeiro: Recorde, 2008.

SENHORAS, E. M. "A pandemia do novo coronavírus no context da cultura pop zumbi". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 1, n. 3, 2020.

SIMMEL, G. **Religião**: ensaios. São Paulo: Olho d'Água, 2009.

OZAÏ SILVA, A. "Anotações sobre a modernidade na obra de Anthony Giddens". **Revista Espaço Acadêmico**, vol. 6, n. 47, abril, 2005.

TOURAINE, A. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Editora Vozes. 2002

VOLF, M. "O desafio do fundamentalismo protestante". **Concilium**, vol. 241, n. 3, 1992.

WESTHELLE, V. "Outros saberes: Teologia e ciência na modernidade". **Estudos Teológicos**, n. 3, 1995.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 3 | Nº 8| Boa Vista |2020

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima